

Apresentação

Ao comemorar seus dez anos de existência, *Lutas Sociais*, mantendo sua pesquisa crítica de excelente qualidade, aposta em jovens autores. Assim, no conteúdo e no jeito de produzir a revista, mantemos os objetivos definidos em 1996. Este é nosso maior motivo para uma satisfação que compartilhamos com os leitores.

O panorama brasileiro e internacional continua a apresentar motivos para otimismo e preocupação.

Na América Latina, a eleição de Evo Morales elevou para um novo patamar as lutas nas quais se articulam semiproletários e indígenas do subcontinente e a polarização eleitoral no México, onde Felipe Calderón foi declarado vencedor com uma ínfima e suspeita vantagem numérica, expõe as fragilidades de um sistema político que, por sete décadas pareceu irremovível e, de quebra, aumenta a autoridade do EZLN que, à revelia da maior parte da intelectualidade de esquerda, manteve, no essencial, suas críticas às limitações da candidatura que se apresentou como porta-voz dos dominados, mas foi, no mínimo, tacaña no atendimento às aspirações dos que efetivamente lutam para mudar o mundo. Outra grande novidade para este início de milênio, surgiu no Oriente Médio: a resistência política de massa à política genocida do Estado de Israel (diretamente financiado pelos Estados Unidos) se revelou extremamente eficaz no plano político-militar, colocando em xeque a estratégia da “única potência verdadeiramente global” para o Oriente Médio. Dissipou-se a ilusão da “guerra vídeo game” e se evidenciou, neste começo de século XXI, a importância decisiva da participação das massas no enfrentamento de adversários armados até os dentes. Por outro lado, o fracasso estratégico dos EUA pode levar o candidato a império a jogar suas fichas numa guerra contra o Irã, com imprevisíveis conseqüências para toda a humanidade.

Contribuir para uma solução civilizatória do conflito no Oriente Médio passa pela rejeição dos fundamentalismos em choque, o que supõe o desvelamento das pretensões do imperialismo estadunidense na região; pela crítica teórica à tese do choque de civilizações; e pela aposta na capacidade da ação organizada de massas no sentido da autodeterminação de todos os povos que vivem por lá. Isso implicará profundas transformações sociopolíticas. Artigos a este respeito são bem-vindos.

Da mesma forma, as manifestações de massa na França contra a discriminação que, no início, foi apresentada como simplesmente racista (o que não é pouco), mas logo se revelou intimamente conectada com o processo de acumulação capitalista no plano transnacional, apresenta novas potencialidades de luta internacionalista, o que, aliás, também se revela nas

resistências aos chamados processos de “reestruturação produtiva” (capitalista) que se desenrolam na indústria automobilística e cuja seqüelas apenas começam a se tornar visíveis.

No plano político brasileiro, apesar dos progressos realizados, deve-se, mais do que nunca, fugir da auto-ilusão. Iniciou-se a organização de uma nova frente de esquerda ocorreu, o que é de importância inestimável. Mas suas limitações não somente numéricas mas, sobretudo, no que se refere à elaboração do programa e às formas de lutar por ele, são imensas. Um balanço da participação das esquerdas neste processo eleitoral será indispensável para o avanço das lutas sociais no país e na América Latina.

O dossiê deste número de *Lutas Sociais*, *O governo Lula em questão*, já é parte desse balanço, com uma série de textos que necessariamente suscitarão o reexame de tudo o que se escreveu sobre o Partido dos Trabalhadores até o início da gestão presidencial de Luís Inácio Lula da Silva. Jair Pinheiro aborda as redefinições da cena política e o papel que nela desempenha o PT. Maria Izabel Lagoa, ao examinar o mesmo partido, privilegia o ângulo de sua profunda crise. Rudá Ricci centra o foco em um processo político até então pouquíssimo estudado: o lulismo. Enfim, Carla Silva aborda as relações do governo Lula com os dominantes, a começar por um importante meio de comunicação, e, no sentido inverso, Renata Gonçalves examina a política do mesmo governo frente aos dominados, centrando o foco no mais importante movimento social brasileiro, o MST.

Forte atenção continua sendo dispensada às atuais configurações que adquire o contraditório processo de espraiamento do capitalismo pelo mundo. Publicamos a segunda parte do texto de David Harvey, “Acumulação por desapossamento” e o instigante contraponto de autoria de um jovem autor, Cristiano Monteiro da Silva, “Acumulação por centralização: novos traços da fase imperialista na América Latina”. Antonio Carlos Moraes discorre sobre a crise do capitalismo e Carlos Eduardo Martins analisa os impactos desta crise sobre as relações internacionais. Rodrigo Castelo Branco aborda as relações entre o NAFTA (Tratado de Livre-Comércio da América do Norte) e a barreira erguida contra trabalhadores dos países periféricos. Revisitando os anos JK, Lúcio Flávio de Almeida examina as potencialidades das lutas antiimperialistas na América Latina contemporânea.

Apesar dos esforços dos ideólogos a serviço da ordem, o capitalismo não se define fundamentalmente por relações de mercado, mas de exploração e dominação de classe. Publicamos “Taylorismos, fordismos e toyotismos: as relações técnicas e sociais de produção configurando reestruturações produtivas”, de Célia Congílio Borges, e “Tempo de trabalho e desemprego”, de Giuseppina De Grazia. Não somente a produção mais estritamente econômica é socialmente determinada e, mantendo nossa preocupação com os vínculos entre cultura e relações sociais, Daniela Palma

estuda a fotografia operária na República de Weimar e Celso Uemori nos apresenta mais um resultado de sua pesquisa em curso sobre a obra de Manoel Bomfim.

Nas quatro resenhas que encerram este número estão presentes algumas das preocupações centrais que impulsionam esta revista ao longo destes dez anos: lutas dos trabalhadores em todo o mundo; questões nacionais e (anti)imperialismo; reprodução e questionamentos ideológicos das relações de dominação.

A revista já estava concluída quando soubemos da morte de Charles Bettelheim. A ele dedicamos este número de *Lutas Sociais* e agendamos para o próximo o exame de suas contribuições teóricas para a análise do capitalismo e das tentativas de transição para o socialismo. Trata-se de um patrimônio do pensamento crítico à espera de urgente atualização neste início de século tão rico de novos desafios a serem urgentemente enfrentados.

L.F.R.A